



ENTRE / PATRIMÔNIO

www.correio24horas.com.br



**ZAQUEU
ASTONI**

Um projeto que contemple um achado como esse tem que ter duas premissas. A primeira é a consolidação das ruínas, preservando o conjunto para que não tenha nenhuma perda, compatibilizando a preservação com a utilização do espaço, para que não se torne morto. Me parece interessante o projeto que a prefeitura visualizou para o local. Um bom projeto executado junto a uma ruína preservada vai ficar muito bonito. Se isso ainda aproximar a população pode ser ainda melhor. Isso é muito utilizado na Europa. Considero uma descoberta esplêndida, um vestígio material da existência de um teatro. Para nós, em Ouro Preto, o teatro é um tema muito caro. Aqui temos um conjunto arqueológico enorme. Discutimos sempre em cima da preservação, gestão e aproximação da população. Não adianta ter um bem como esse se a comunidade não se apropriar dele.

**Secretário de
Cultura e
Patrimônio de Ouro
Preto**



Fachada de teatro é achada em escavações

Teatro São João Prefeitura quer transformar local em sítio arqueológico e praça para pequenos shows

Dá até para imaginar as carruagens luxuosas deixando senhoras e senhores à porta. Mais de 200 anos depois da inauguração de um dos maiores espaços culturais que o Brasil já teve, eis que o esqueleto do Teatro São João da Bahia ressurge em forma de ruínas. Parte da fachada e as escadas que davam acesso ao foyer, depois que se ultrapassavam uma das suas três portas, foram encontradas nas escavações das obras da Praça Castro Alves, no Centro.

O único testemunho material da existência de um dos principais prédios da história de Salvador deve fazer parte de um projeto de adaptação da prefeitura, que realiza a obra desde a Avenida Sete de Setembro.

A ideia da Fundação Gregório de Mattos é criar um espaço que utilize a estrutura da antiga fonte encontrada em escavações no final do 2019 como um palco para pequenos shows. Além disso, um sítio arqueológico com as ruínas da fachada do São João faria parte do mesmo ambiente e estaria ali para ser tocado e contemplado.

"Tirando o Carnaval e alguns

eventos pontuais, a Praça Castro Alves é pouco utilizada. Tem uma vista linda. Nossa ideia é fazer um projeto que movimente este lugar", afirma Nivaldo Vieira de Andrade, professor da Faculdade de Arquitetura da Ufba, que vai elaborar o projeto da prefeitura.

"Vamos agitar esse lugar o ano inteiro. Não seria um espaço para mega shows. É um palco pequeno. Esse seria um uso adequado. Até porque o palco está ali, pronto", diz o presidente da Fundação Gregório de Mattos, Fernando Guerreiro, apontando para a fonte descoberta antes da fachada: "Pensei em chamar palco dos poetas".

Já a Fundação Mário Leal Ferreira informou que o projeto deverá ser concluído em fevereiro. Durante o Carnaval, a área será cercada por tapumes.

Inicialmente, acreditou-se que a nova estrutura seria apenas as fundações do teatro. Depois, chegou-se à conclusão que é a fachada e as escadarias que davam acesso ao foyer.

"Foi encontrada a parte de baixo da fachada, que era enor-

Estrutura encontrada deve ser usada em projeto de pequeno palco para shows no local





MÁRCIO CAMPOS

Salvador não é Roma Ruínas do Teatro São João não ensinam nada sobre o espaço urbano que já não soubessemos. Estes achados podem passar pelo mesmo processo de 90% dos achados arqueológicos do mundo, que é o de registrar, catalogar, proteger mecanicamente, e voltar a ser cobertos. A melhor forma de protegê-los é cobri-los novamente, caso não sejam enviados a um museu. Ao se dar tanta importância a um achado, pode-se estar afirmando que mais importante do que preservar é, mais adiante, descobri-lo como arqueologia. Essa ideia está latente em toda esta valorização de arqueologia numa cidade tão nova, de poucos séculos. Pode ser visto também uma compensação psicológica: a gente não cuida nem preserva o patrimônio histórico, mas as ruínas arqueológicas, sim! O que em termos de psicologia é uma grande disfunção, o poeta diria, um pensamento torto.

Professor do curso de Arquitetura da UFBA

me e tinha dez ou 12 metros de altura. Você tem revestimentos de pedra da fachada e as escadas. As pessoas chegavam por ali, entravam por uma dessas três portas, subiam as escadas e esperavam no foyer", descreve o arquiteto.

DISCUSSÃO

O uso que se pretende dar às descobertas não chega a ser uma unanimidade. O professor de Teoria, Crítica e Projeto de Arquitetura da UFBA, Márcio Campos, diz que não vê sentido em colocar os achados para contemplação. "Caso não sejam enviados a um museu, a melhor forma de proteger é cobri-los novamente, o que acontece com 90% dos achados arqueológicos do mundo. Salvador não é Roma", pondera Márcio Campos.

O historiador do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) Jaime Nascimento concorda que a estrutura precisa ser preservada, mas sugere que o projeto seja discutido com conselhos, vereadores e a população. "No meu entender, tudo o que foi achado tem que ser mantido. Mas, a cidade tem um conselho de cultura e uma população. O melhor caminho é discutir", observa Jaime, que realizou trabalho de mestrado sobre o São João.

"Fico alegre e triste ao ver essas ruínas. Alegre pelo achado incrível e triste por perceber que não havia necessidade de demolir o teatro. Como se vê, a caixa do teatro está mantida", observa o historiador. O arqueólogo coordenador da obra, Cláudio Silva, defende a incorporação das estruturas a um projeto da praça. "Tem que dar uso pra isso. Não só para ser contemplado, mas para ser tocado. Incorporar isso ao dinamismo da praça". O Teatro São João é um dos edifícios mais importantes da história de Salvador. Dos monumentos destruídos, junto com a Igreja da Sé, talvez seja o mais importante. Por mais de 110 anos, por ali passou a vida cultural e social de Salvador.

Foi o primeiro prédio a ser construído para ser teatro. Nasceu como um dos maiores das Américas. Tinha capacidade para 2 mil pessoas. "Imagine o que eram 2 mil pessoas em 1812. Hoje, a sala principal do Teatro Castro Alves comporta apenas 15 mil pessoas", compara Nascimento.

O início da construção do Teatro São João se dá em 1806 e é concluído em 1812. O poeta Castro Alves tinha apenas sete anos de idade quando pôs os pés nele pela primeira vez. Depois, a casa se tornou um dos ícones da cidade, com recitais do próprio Castro Alves e apresentações históricas como a do maestro Carlos Gomes. Também foi o último lugar em que o poeta teria recitado, em julho de 1871. Por isso, a praça passou a se chamar Castro Alves. Um incêndio o consumiu em 1923.

FONTE

Antes de serem localizadas partes da fachada e escadarias de acesso ao teatro, encontrou-se uma estrutura que já se acreditava que fosse do São João. Especulou-se ser desde o palco até um chafariz que ficava na sua área externa. Depois de alguma pesquisa, a prefeitura diz ter chegado a uma conclusão. Segundo Nivaldo Andrade, trata-se de uma antiga fonte d'água. Ela, porém, teria sido construída no governo Góes Calmon, depois da demolição do São João, após um incêndio em 1923.

"Surgiram teorias mirabolantes. Até o palco se falou que podia ser. Mas aqui era o fundo da plateia, ou seja, próximo à entrada do teatro. Como não poderia existir uma fonte dessa dentro do teatro, essa fonte foi construída depois do São João demolido", explica o arquiteto, que aponta outros elementos da fonte que são mais modernos que o teatro. "Descobrimos que essa estrutura é de 1926, 1927. Não havia mais teatro. Ela é pintada em escaiola, uma pintura que imita pedra. O piso também é um ladrilho hidráulico que só existe no século 19 e século 20".

O chafariz, que alguns apontavam ser a estrutura, foi removido do local quando o São João foi demolido. Ele realmente ficava na praça, mas próximo de onde é hoje a estátua de Castro Alves. Acabou transferido várias vezes para diversos pontos da cidade. Hoje, se encontra na Praça Lord Cochrane, na Avenida Garibaldi, e sustenta uma estátua de Cochrane, que substituiu uma de Cris-tóvão Colombo.



Alexandre Lyrio
texto
alexandre.lyrio@rede-bahia.com.br



Betto Jr.
imagem
carlos.junior@rede-bahia.com.br



JAIME NASCIMENTO

O que impressiona é que foram feitas diversas obras e transformações e ainda não tinham encontrado nada do São João. Em 1971, a área foi escavada para colocar os ossos de Castro Alves abaixo da estátua. Está a quatro metros abaixo do solo. Agora, se vai deixar exposto, tem que ser feito de forma séria. É preciso discutir esse projeto com a população, com o Conselho Municipal de Cultura e outros setores. Esse foi um dos palcos mais importantes da história do Brasil. Fico alegre e triste ao ver essas ruínas. Alegre pelo achado incrível e triste por perceber que não havia necessidade de demolir o teatro. Como se vê, a caixa do teatro está mantida, era possível reconstruir. As estruturas da fachada encontradas confirmam o que sempre disse: foi uma opção política de J.J Seabra acabar com o teatro. A espessura da parede tem quase 90 centímetros. Ele mandou demolir antes de sair do governo.
Historiador do IGHB

ENTREVISTA BRUNO TAVARES

'FONTE PERMANECERÁ APARENTE NA PRAÇA'

Desde o início das obras de requalificação da Avenida 7 de Setembro e da Praça Castro Alves vem sendo realizado o acompanhamento arqueológico. Cabe ao Iphan expedir as autorizações necessárias, avaliar o trabalho realizado pelos arqueólogos e aprovar os relatórios finais da pesquisa de campo. Confira nosso bate-papo com o superintendente do Iphan na Bahia, Bruno Tavares.

Qual importância desses achados? Quais dessas estruturas são mais relevantes?

A arqueologia realizada nos Centros Históricos busca manter viva a história. No caso do Teatro São João, foi o primeiro grande teatro de ópera do Brasil. O trabalho efetuado pelos arqueólogos foi realizado também para compreender a existência ou não de relação da antiga construção com a suposta fonte, que também se encontrava enterrada. Não há que se falar em estruturas mais importantes neste caso. No entanto, há de se destacar a beleza da estrutura encontrada.

Que tipo de cuidado se tem que ter com esse sítio a partir de agora?

Em geral, após o trabalho de resgate, quando se evidencia as estruturas para estudá-las, elas são novamente enterradas, com o cuidado de realizar uma espécie de proteção delas. Apenas a fonte permanecerá aparente na praça.

Qual melhor uso se deve dar a essa estrutura?

Há diversas possibilidades. Desde sua musealização no espaço urbano em que está inserida até a incorporação do elemento no projeto urbanístico de revitalização da praça.

A prefeitura fala em utilizar a estrutura para criar uma arena de pequenos shows.

Após uma ampla discussão técnica, o Iphan sugeriu que a estrutura fosse restaurada. Outra diretriz foi a incorporação do elemento ao projeto urbanístico da praça, transformando-o num pequeno "palco" para pequenas exposições – uma espécie de anfiteatro à céu aberto. Isso permitirá não só a contemplação do bem, mas sua recuperação e usufruto pela população, ampliando a importância da descoberta.



MARIA ANTÔNIA GOMES

É um espaço que deve ficar aberto ao público, com as pessoas interagindo. Na verdade, já está virando ponto turístico. As pessoas já fazem fotos. Tem que ser um ponto de encontro entre as gerações. As novas estruturas encontradas batem direitinho com o que se imaginava do teatro. De fato, ali se trata da estrutura do São João. Com um detalhe, ali ficava uma das muralhas que cercavam a cidade na sua fundação, ainda no século 16. Era a da porta sul, "as portas do São Bento". Ali é um sítio riquíssimo em termos de achados. Quando se foi fazer a fundação do teatro, em 1806, se encontrou as muralhas e aquelas pedras enormes. É provável que existam até pedras que tenham sido usadas na construção. Não se pode descartar a ideia de que até vestígios das muralhas da fundação de Salvador estejam nesse novo achado.
Historiadora com doutorado sobre o Teatro São João